

QUARTO DE DESPEJO: O ESPAÇO NA OBRA DE CAROLINA DE JESUS

Lara Gabriella Alves dos SANTOS

Valdeci Rezende BORGES

Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão

laragabriellapsi@hotmail.com

valdecirezborges@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho pretende abordar alguns dos aspectos espaciais da obra *Quarto de despejo* - diário de uma favelada, da autora Carolina Maria de Jesus, a partir de contribuições teórico-metodológicas da Topoanálise. O texto, em forma de diário, publicado em 1960, apresenta a realidade em que a narradora/personagem viveu na extinta favela do Canindé em São Paulo e suas impressões sobre esse espaço e seu cotidiano. Espaço esse que se constrói e se valida nas representações sociais da obra de Carolina, que se transforma em documento sociológico legítimo, e é apresentado na narrativa como uma analogia ao que ela intitula quarto de despejo, sendo descrito, por várias vezes, como o inferno. A autora fez-se representante daquele lugar e dos sujeitos que viviam às margens da sociedade, denunciando uma realidade perversa e cruel, que ainda se sustenta nos dias atuais como espaço urbano não reconhecido, a favela.

Palavras-chave: Carolina de Jesus; Espaço; Favela; Identidade.

1. Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, Minas Gerais em 14 de março de 1914, vivendo ali até sua adolescência. Mais tarde mudou-se com a mãe para o interior de São Paulo, indo anos depois para a capital onde trabalhava de doméstica. O trabalho não agradava Carolina, que mais tarde passou a catar papel. Semi analfabeta, ela estudou somente alguns anos de sua vida, e ainda assim devido à ajuda de uma benfeitora. Mãe de três filhos, nunca veio a se casar.

Carolina pertenceu a um meio que a excluiu por não ser letrada, e não conseguiu se encaixar numa sociedade erudita pela sua história de vida, foi mulher de muita fibra, consciência racial e social. É uma escritora especial não pelo que escreveu, mas da forma em que o fez. Ela abriu as portas da favela muitos antes do assunto social eclodir na mídia, e não foram apenas as suas palavras que perturbaram os leitores e a crítica, mas também a sua figura peculiar adversa e inesperada. Carolina não teve medo de expor e sustentar sua fala desvalorizada, e sua obra sempre contou com uma aliada, a verdade marginal, que contou o cotidiano conflituoso com os vizinhos e demais moradores do Canindé. Carolina fez literatura de negros, escritura feminista, provou a opressão social e a negligência dos direitos humanos, colocou-se como exemplo vivo da diferença. (TOLEDO, 2010)

Buscar a identidade de uma pessoa, especificamente de uma favelada, é procurar compreender o entrelaçar das falas em diálogo com conceitos que lhe dão uma forma como espaço, cultura e tempo (memória e história). E isso Carolina fez, de forma bem sucedida, em sua primeira obra, *Quarto de Despejo - Diário de uma favelada*, quando a, até então, catadora de papel foi descoberta pelo jornalista Aldálio Dantas, da *Folha de São Paulo*, em uma entrevista com os moradores da favela sobre a transposição daquela para outro local da cidade. O mesmo foi traduzido para outros 13 idiomas e nos últimos 35 anos segue denunciando uma realidade perversa, cruel e ainda atual, pois a temática diz de

problemas presentes ainda hoje em grandes centros do país que não afetam somente a identidade de um sujeito, mas a identidade coletiva do humano genérico. (HELLER, 1979)

Após o sucesso com o livro diário, Carolina lançou outros títulos *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de fome* (1963) e *Provérbios* (1963), que diferente do primeiro não alcançou prestígio nacional. Sendo assim, caiu no esquecimento. A trajetória de Carolina Maria de Jesus até sua morte foi incomum. A catadora da favela do Canindé não se “enquadrou” como escritora famosa, e após algum tempo do sucesso de sua primeira publicação voltou á condição de vida precária e de miséria. Seu nome, na atualidade, para muitos é completamente desconhecido e poucos sabem sobre sua trajetória ou seus feitos, aceitação ou rejeição na sociedade da época. Mas, a verdade é que Carolina Maria de Jesus foi dona de uma personalidade polêmica e alarmante, que pôs a literatura brasileira e estrangeira em alvoroço na década de 60 de maneira original, e ainda hoje, é um dos expoentes da literatura, representante da narrativa brasileira no exterior por retratar um cenário social que não se esgotou, pois a desigualdade social e a miséria ainda persistem.

A autora tangencia o início de uma série de problemáticas estruturais contemporâneas que se engendram no campo do literário e que se redimensionam para a crítica. E a exemplo disso, se podem citar as noções de experiência, margem, real, ficção e valor estético presentes na obra. Carolina Maria de Jesus escreve para denunciar a favela e para sair dela; escreve também para, diferenciando-se dos outros moradores, lutar contra o rebaixamento a que estão sujeitos os miseráveis, num momento em que se anuncia novo salto modernizador de São Paulo e do país. (ARANHA, 2004)

2. O espaço da favela

A origem das favelas no Brasil se deu historicamente a partir da abolição da escravidão, quando negros, mesmo libertos, representavam um contingente populacional exorbitante e ainda carregavam os estigmas da escravidão. Homens, agora livres, passaram a se aglomerar em dados espaços junto a outros igualmente marginalizados, como índios e mestiços, que vinham também de outras partes do país. Vale ressaltar ainda que, no Rio de Janeiro, no período da guerra de Canudos, soldados, reivindicando salários ao governo, se instalaram no Morro da Providência e por lá foram esquecidos e abandonados. A instabilidade econômica do século XIX e o crescimento populacional desordenado causaram profundas mudanças no cenário urbano do país. Com o desenvolvimento da economia brasileira durante o século XX, esses espaços também foram sendo ocupados pelas pessoas que saíam do campo em busca de melhores condições nos centros urbanos, mas que não podiam pagar para morar nas áreas nobres. (MONTEIRO, 2013)

Quando se pensa sobre as favelas no Brasil é quase que inevitável que não se trace um perfil desse espaço como sendo um lugar de escalas diferenciadas de concentração de pobreza, com índices altos de violência e omissão do Estado de Direito.

Em São Paulo acredita-se que as primeiras favelas surgiram na década de 40. A primeira delas tenha sido a favela do Oratório, na zona leste da cidade. Já no final da década de 50, apurava-se na cidade um total de 141 núcleos com cerca de 50 mil favelados. A favela do Canindé, á beira do rio Tietê, próximo aonde hoje se localiza o estádio da Portuguesa de Desportos, se formou com migrantes de vários estados como Ceará, Bahia, Alagoas, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Havia também estrangeiros, alguns poucos. Vinham atrás de trabalho, movidos pelo desejo de ascensão ou por seus fracassos, eram em comum, todos despossuídos. Os primeiros barracos do Canindé surgiram quando o governador Ademar de Barros (1901-1969) quis limpar o centro da cidade e mandou caminhes levarem

moradores de rua para “qualquer lugar”, e esse acabou sendo as margens do rio Tietê, paisagem de lixo e urubus.

Longe dos centros urbanos, não percebidos e até mesmo rejeitados, os indivíduos retratados por Carolina de Jesus e outros tantos favelados vivem em condições de subalternidade na sociedade brasileira. Sobre sua condição e dos demais da favela do Canindé ela dizia:

Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. (JESUS, 2005, p.45).

As favelas fazem parte hoje da paisagem de um terço dos municípios brasileiros e estima-se que abriguem mais de dez mil pessoas sem nenhuma infraestrutura e saneamento básico, indicando que a segregação socioespacial nas cidades vem se tornando mais complexas nas últimas décadas. Com os Estudos Culturais, e sua resguardada aceitação no meio acadêmico, tornou-se possível estudar objetos considerados, até então, “menores”, como a periferia dos grandes centros urbanos e o processo de favelização das cidades. Processo este que ocorre não somente com indivíduos vindos de outras partes do país, mas também oriundos do interior do próprio espaço e meio urbanos. (GONÇALVES; NASCIMENTO, 2011)

A urbanização das favelas se constitui a partir de um levante de reivindicações sociais e considerando que o território é espaço que adquire significado na medida em que ações humanas nele intervêm, provocando mudanças nesse cenário.

Mesmo com algumas transformações em seus aspectos, as favelas ainda seguem degradando os sujeitos a elas ligados, sendo uma úlcera aberta no cenário urbano. No que refere à decifração da cultura nesses espaços produzida, praticada e compartilhada pelas classes e grupos subalternos da sociedade, é atribuído, ora uma passiva adequação aos produtos culturais distribuídos pelos segmentos dominantes, ora uma tácita proposta de valores. No entanto, conforme (GINZBURG, 1998) é possível falar que ocorre uma relação de circularidade entre os dois níveis de cultura, a dos subalternos e a dos dominantes, ocorrendo um influxo intenso e recíproco entre a cultura subalterna e a cultura hegemônica, por meio de operações próprias de filtragem de elementos.

As sociedades modernas, marcadas pela divisão, produzem diferenças, exclusões e marginalizações. Afastando a possibilidade da emancipação, as instituições modernas ao mesmo tempo criam mecanismos de supressão e não de realização do eu. Os deslocamentos dos indivíduos no território e a expansão urbana são causas que intensificaram a hibridação cultural. Isto significa, no contexto das culturas latino-americanas, que países que no começo do século tinham aproximadamente 10% de sua população nas cidades, concentram agora 60 ou 70% desta em aglomerações urbanas e em condições nem sempre ideais, ao contrário, subumanas, com submoradias e subtrabalhos.

Para Carolina de Jesus a favela não é parte da cidade, mas sim uma úlcera na mesma. Por mais que o cenário e as perspectivas com relação às favelas mudem, elas ainda seguem em sua condição de degradação do sujeito. A construção de uma identidade num território dado se forma na experiência do espaço habitado e desenvolve, assim, com ele, um elo emocional. Desta forma, a percepção do tempo e do espaço afeta a sensação do lugar. Carolina rejeitava qualquer elo emocional com o Canindé; qualquer traço que a identificasse com aquele lugar.

Viver em uma grande cidade não implica dissolver-se na massa e no anonimato. A violência e a insegurança pública, a impossibilidade de abranger a cidade, leva a procurar na intimidade doméstica, em encontros confiáveis, formas seletivas de sociabilidade e de formação identitária. Os grupos populares saem pouco de seus espaços, periféricos ou centrais; os setores médios e altos multiplicam as grades nas janelas, fecham e privatizam ruas do bairro. (CANCLINI, 1997)

3. O espaço na obra de Carolina de Jesus

A autora em sua literatura nos mostra e apresenta uma imagem que é síntese de si, a imagem que tem dela própria e daqueles que compartilhavam de sua mesma condição, ou seja, indivíduos que como ela habitava na extinta favela do Canindé na cidade de São Paulo ou viviam em condições de subalteridade na sociedade brasileira. Sua expressão literária é um relato do cotidiano direto e cruel no qual se constrói uma representação forte e única da dinâmica social urbana, vista por aqueles que foram lançados à margem.

O espaço da narrativa, a favela, foi apresentado por Carolina como uma analogia ao que ela intitula quarto de despejo, o qual, várias vezes, fora descrito como tendo a impressão de estar no inferno: “Cheguei ao inferno. Devo incluir-me, porque eu também sou da favela. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.” (JESUS, 2005, p.33)

O espaço literário configura como a soma do significado e das escolhas estéticas e formais do narrador, isto é, as estratégias narrativas em nível lexical e da narração, ou seja, da maneira escolhida para contar a história. Carolina descreve o espaço em suas características tanto contingentes como também as de conteúdo, e isso caracteriza os personagens, produzindo uma representação do vivido. (TOLEDO, 2010)

Olhando para o contexto histórico sociocultural desenvolvimentista da São Paulo da época, temos uma experiência coletiva narrada por um sujeito cuja subjetividade se constitui a partir dessa perspectiva moderna. O tema, o cenário, os retratos, compõem uma gramática da cidade e de sua degradação humana, constituída no transitório. Inúmeras vezes o espaço é a projeção psicológica da personagem ou aspecto que influencia a mesma agir de uma determinada maneira.

Em vários momentos do livro Carolina indica essa influência, como ao dizer que, aos poucos, os favelados se convenciam de que para viver deveriam imitar os corvos, ou quando contesta que é desmazelada; que, se anda suja, é devido à reviravolta da vida de favelado. Neste último caso, o espaço estabelece um contraste com o íntimo da personagem, há uma heterogenia. Mesmo residindo na favela, no quarto de despejo, Jesus vive uma relação heteróloga com o mesmo. Ela não se conformava com sua vida de favelada e desenvolvia essa relação hostil com o lugar e até com os vizinhos. Esse espaço visto e sentido pela autora produz um debate sobre a realidade das populações de baixa renda.

A obra *Quarto de Despejo*- diário de uma favelada, apresentou a favela aos brasileiros de classe média e ao mundo; mostrou como é morar e não residir na favela, como nesse trecho: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o Jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 2005)

A autora escreve para denunciar a favela e para sair dela; escreve também para, diferenciando-se dos outros moradores, lutar contra o rebaixamento a que estão sujeitos os miseráveis, num momento em que se anuncia novo salto modernizador de São Paulo e do país. (ARANHA, 2004)

A espacialização presente na obra é reflexa, isto é, o espaço percebido pela autora/personagem dá efeito subjetivo à descrição. A vida dos favelados é percebida e apresentada de

forma dramática e lírica, numa narrativa direta, seca, somada à metaforização da linguagem: a ironia, a síntese, o paradoxo são recursos recorrentes na construção desse cenário real. Gradientes sensoriais também estão presentes durante todo percurso da autora ao descrever seu cotidiano, como neste trecho: "... Na casa de dona Neném o cheiro da comida era tão agradável que as lágrimas emanavam de meus olhos..." (JESUS, 2005, p. 4).

A ideia de pertencer a um território, ao qual damos um significado, logo a um lugar, ou a um grupo é tão antiga e necessária para o sujeito quanto respirar, contribuindo para o estabelecimento de marcas identitárias. É na interação com o "outro" que o "eu" realiza sua existência e se percebe se identifica. O princípio da identidade só tem razão de existir em relação ao de alteridade, do outro, do diferente. HALL (2005) afirma que as velhas identidades, que desde muitos anos estabilizaram a vida social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. Não há mais uma identidade una, centralizada, mas um sujeito plural, heterogêneo.

O caráter liquefeito da contemporaneidade, sua fluidez e volatilidade constitui o traço mais explícito da singularidade da nossa modernidade.

A 'identidade' só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, 'um objetivo'; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais — mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p. 22)

A urbanização predominante nas sociedades contemporâneas se entrelaça com a serialização e o anonimato na produção, com reestruturações da comunicação imaterial (dos meios massivos à telemática) que modificam os vínculos entre o privado e o público. Viver em uma grande cidade não implica dissolver-se na massa e no anonimato. A violência e a insegurança pública, a impossibilidade de abranger a cidade, leva a procurar na intimidade doméstica em encontros confiáveis, formas seletivas de sociabilidade. Os grupos populares saem pouco de seus espaços, periféricos ou centrais; os setores médios e altos multiplicam as grades nas janelas, fecham e privatizam ruas do bairro. (CANCLINI, 1997)

Ao publicar seu livro, Carolina de fato afastou-se simbolicamente de maneira irremediável dos moradores do Canindé, que recusaram à vizinha-autora. Para o público, em geral, no entanto, ela era a "escritora da favela". Os dois engessamentos identitários reproduziram a incompreensão e o preconceito de ambos os lados, tanto do lado do barro quanto do lado do asfalto.

O êxito da obra em termos de mercado permitiu à escritora comprar uma casa, de alvenaria, no bairro de Santana. Com a mudança, encerra-se também o interesse editorial pela autora, que somente interessava à mídia e ao público enquanto favelada, o diferente e talvez exótico, curioso. Seu sucesso econômico acarretou-lhe o fracasso na carreira. É no que diz respeito aos seus pares, a fama também só gerou problemas.

Pensamos território como um "espaço" que se constrói, destrói e reconstrói, numa dinâmica que relaciona as ações sócio-políticas e culturais com as ações humanas. Nesse sentido, articulamos destruição territorial e sua reconstrução ao processo de desterritorialização e reterritorialização. É válido esclarecer que a destruição não passa necessariamente pelo processo de desaparecimento ou fim da localidade, mas, sim, pelo processo de adquirir novos valores, novos sentidos. É na esteira da discussão sobre território,

desterritorialização e reterritorialização que situamos Carolina Maria de Jesus e a favela. A mesma saiu de Minas Gerais, vindo a vagar por São Paulo, e se fixando no Canindé. É em seu barraco e com sua escrita que Carolina busca a reterritorialização, seu espaço íntimo que a resguarda da hostilidade do mundo exterior. (GONÇALVES; NASCIMENTO, 2011)

As favelas entre outras formas de apropriação irregular do território surgiram como uma solução encontrada por aqueles que nela habitam. É importante que se perceba que as favelas não são apenas um espaço isolado e caracterizado apenas por problemas socioeconômicos ou de infraestrutura, mas um ambiente em que abriga uma gama multicultural de pessoas vindas de várias partes do país. Carolina, por exemplo, chegou a São Paulo e viu no Canindé a possibilidade única de fixação. Para construir seu barraco carregou tábuas e materiais extraídos de uma construção próxima a sua casa. Esse era seu mundo e nele estavam os filhos e os cadernos que escrevia.

No final dos anos de 1940, em São Paulo, estima-se que existiam cerca de 50 mil favelados estabelecidos em sete diferentes locais. As favelas paulistas eram diferentes das do Rio de Janeiro, mas se assemelhavam enquanto promessas de abrigo da pobreza, da violência e do descaso governamental. Ainda que Carolina se considerasse uma favelada, ela mesma também se situava como uma pessoa isolada daquela realidade, dos vizinhos ou grupos dali. Ela dizia ser rejeitada por eles, por saber ler e escrever.

Os primeiros barracos do Canindé surgiram quando o governador quis “limpar” o centro da cidade e mandou que caminhões levassem os moradores de rua para outro lugar. Esse outro lugar era o Canindé, as margens do rio Tietê. Não se tratava de uma grande favela, comparada com as de hoje em dia. Tinha cerca de 180 casas e uma só torneira onde as mulheres buscavam água. Um espaço de controle e também de indiferenciação, onde o direito existe e ao mesmo tempo não prescreve. Sobre o barraco de Carolina, descreve o jornalista Audálio Dantas:

O barraco é assim: de tábuas, coberto de lata, papelão e tábuas também. Tem dois cômodos, “não muito cômodos”. Um é sala-quarto-cozinha, nove metros quadrados, se muito fôr [sic], e um quartinho, bem menor, com lugar para uma cama justinho, lá dentro... Tem muitas coisas dentro dele, que a luz da janelinha, deixa a gente ver: um barbante esticado, quase arrebrandando de trapos pendurados, mesinha quadrada, tábua de pinho; fogareiro de lata, lata de água, lata de fazer café e lata de cozinhar; tem também guarda-comida, escuro de fumaça e cheio de livros velhos e mais duas camas, uma na sala-quarto-cozinha e outra no quarto assim chamado... Isto é o barraco dentro. O barraco fora é como todos os barracos de todas as favelas. Feio como dentro. (DANTAS, 1963, s/p).

Carolina usava de uma originalidade incomum em sua escrita, mostrando que sua visão de mundo estava além da maioria de outras pessoas da sua época. Ela, portanto, consegue de fato solapar uma hegemonia, se infiltrando no território da literatura, que lhe é proibido por sua tripla condição de sujeito subalternizado: mulher, negra e pobre. Utilizando o recurso de um discurso do “eu”, individualista, a escritora se transforma em um “eu” social para, dessa forma, tecer uma crítica contundente da realidade da favela onde vive.

Carolina de Jesus não foi lida por pobres e nem os influenciou e sua relação com a comunidade do Canindé, na qual viveu por quase dez anos, foi sempre hostil. A relação com esse espaço é dada pela entidade situada, de referência e um observador, no caso a própria autora/personagem. Ao mesmo tempo em que falava da miséria, clamava com força por mudanças na vida. Maldizia seus vizinhos e companheiros de infortúnio; era surpreendente e,

ao mesmo tempo, contraditória. Morar na favela era se condenar duas vezes a pobreza, aquela gerada pelo modelo econômico e pelo modelo territorial.

A favela foi descrita como local de miséria e marginalidade, carregando a forte conotação negativa que a sociedade lhe impôs. Esse olhar condiz com a visão que seus moradores possuíam do lugar onde viviam e de quem eram. A trama social descrita por Carolina em *Quarto de despejo*, desenvolvida pelos moradores da periferia, constitui um universo simbólico que está longe de ser único e também sólido. Ele era fragmentado, em normas, regras e valores. “A Dorça disse-me que o peixeiro que o Armim e o Valdemar já assaltaram, jogou um saco no rosto do Valdemar, e enquanto ele procurava livrar se do saco, ele lhe arrebatou o porrete das mãos e vibrou-lhe umas cacetadas, e eles correram.” (JESUS, 2005, p. 104)

Desta forma, a autora nos apresenta uma representação da favela: na Canindé, os favelados são desunidos, preconceituosos, egoístas, medíocres, agressivos e felizes. Desmentindo, assim, idealizações arraigadas. Por outro lado, *Quarto de despejo* também confirmou fatos conhecidos. No Canindé se vivia da mão para a boca, se ganhava para depois então se comer. O livro é mais do que o retrato de uma favela. É a denúncia das condições de vida de uma comunidade marginalizada, para alguém que dispunha de poderosa arma e que soube utilizá-la, como nenhum outro: a palavra. (SANTOS 2009; GONÇALVES & NASCIMENTO, 2011)

Referências

ARANHA, Simone da Silva. Sobre Carolina Maria de Jesus, o Quarto de Despejo e a Casa de Alvenaria. *Cadernos do IFCH*, Campinas, no. 31, IFCH, Unicamp, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura*: introdução a topoanálise. Franca; S.P; Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

DANTAS, Audálio. Apresentação. In: JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2004.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues; NASCIMENTO, Denise Aparecida. Favela, espaço e sujeito: uma relação conflituosa. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.15, n.2, p. 51-62, jul./dez. 2011.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELLER, Agnes. Estrutura e Dinâmica da Vida Cotidiana e Sobre os Preconceitos. In:_____. *O Quotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra; 1979.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2005.

MONTEIRO, Marcelo; *Pequeno Dicionário das Favelas; em Favela tem Memória*. Disponível em: www.favelatemmemoria.com.br; Acesso em: 22 Out. 2013.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

TOLEDO, Cristiane Vieira Soares. Carolina Maria de Jesus: a escrita de si. *Lêtronica*, vol.3, n.1, p. 247-257; Porto Alegre, julho de 2010.